



Jornal Negócios

23-08-2011

Periodicidade: Diário

Classe: Economia/Negócios

Âmbito: Nacional

Tiragem: 17000

Temática: Sociedade

Dimensão: 1787

Imagem: S/Cor

Página (s): 1/4/5

Portugal Único

Os segredos do sucesso no combate à droga



Pragmatismo e humanismo são palavras-chave no funcionamento do Centro das Taipas, em Lisboa. Portugal Único 4 a 8

Bruno Simão

portugal
único

Aqui trata-se gente, não santos

Pragmatismo e humanismo são dois princípios que norteiam a política nacional de drogas. Na visita guiada ao Centro das Taipas eles estão bem patentes

ELISABETE MIRANDA Texto
BRUNO SIMÃO Fotografia

Passa pouco das 10.30 da manhã e Joaquim Gonçalves é um dos últimos doentes na sala de espera. Quando chega a sua vez, aproxima-se do pequeno guichet rasgado na parede e recolhe o copo de plástico de café que lhe estendem do outro lado. Bebe o líquido espesso e viscoso, com cheiro enjoativo a xarope, recolhe os sete frascos que lhe puseram à frente, e ala trabalhar que já se faz tarde.

Há sete anos que Joaquim cumpre aquele ritual. Vai ao Centro de Atendimento de Toxicodependentes das Taipas (CAT) tomar a metadona do dia e leva consigo as doses para o resto da semana. Depois de uma década de "má vida", uma definição onde inclui "roubos, assaltos" e uma passagem pela prisão, resolveu deixar a "cocaína e o cavalo". "Estava saturado da vida que levava", diz-nos, um tanto irrequieto pelo adiantado da hora. A família há muito que vinha fazendo pressão

para o tratamento, "mas isso não chega. Tem de ser a própria pessoa". O seu querer chegou em 2004.

O tempo é à medida de cada um

A vontade é, de resto, o único requisito para ser aceite no Centro de Atendimento de Toxicodependentes das Taipas, um serviço que se mudou da rua lhe deu o nome de baptismo, no Bairro Alto, para o tranquilo complexo do Júlio de Matos, na Avenida do Brasil.

"Cerca de 90% das pessoas chegam-nos por iniciativa própria", estima Miguel Vasconcelos, psiquiatra e coordenador da área de tratamento. Joaquim é um dos 2.247 doentes registados no CAT, e faz parte dum universo minoritário de 520 pessoas

que recebe a metadona – "está reservada para os casos mais difíceis, que não conseguem parar com os consumos", e tem a sua administração dependente do pessoal médico, um activo que vai escasseando.

Os sete anos que toma o opiáceo ("toma, não consome", corrigiu-nos o dr. Miguel, para garantir que cada conceito é usado de forma consciante no lugar próprio) estão acima da média de um tratamento de substituição, que costuma rondar os quatro a cinco anos. Mas nestes assuntos o tempo é à medida de cada um.

Os santos não são gente

Até porque pelo meio pode haver percalços. "Isto não são programas para santos. São programas para

pessoas reais", o que significa que as reincidências no consumo (agora sim, "consumo") não são de estranhar nem de recriminar.

Este pragmatismo na abordagem da problemática das drogas é uma das razões que granjeou a Portugal elogiosas referências em relatórios da especialidade (ver próximo plano). "Se há recaídas é porque a vida mudou, porque a dose é insuficiente" ou por uma infinidade de outras razões. Uma coisa é certa: "As pessoas nunca são expulsas. Se não estiverem reiteradamente bem neste programa provavelmente vão para as carrinhas", que fazem distribuição de seringas, metadona, alimentação e higiene, dentro de uma lógica de redução de riscos que faz parte dos ei-



Sair do vazio que é a toxic dependência é um caminho de resultados incertos. Há doentes que reincidem no consumo, outros que vão conseguindo gerir a doença, livres de drogas. Nas Taipas, não se nega ajuda a uns nem a outros – são gente, não santos, sublinha Miguel Vasconcelos. 40% a 50% dos doentes em tratamento tem emprego e uma vida relativamente integrada.

Que serviços existem no País que são um modelo para outras nações? Que produtos fabricados em Portugal são referências de inovação a nível global? O Negócios foi à procura de respostas e publica uma reportagem por semana sobre aquilo em que Portugal é único. Hoje, conheça os resultados da política de drogas nacional, que, comunicação social e especialistas estrangeiros, tratam como um caso de sucesso internacional

xos de intervenção do Instituto da Droga e da Toxicod dependência (ver pág. 7). "Mas nunca são mandadas para a rua sem apoio", garante-nos, enquanto espreita à passagem o relatório das análises de três doentes que, por sinal, não apresentavam vestígios de consumo de substâncias psicoactivas.

Lidar com o grande vazio que fica
 Obliquo ao edifício das consultas fica o segundo bloco por onde se distribuem os serviços do CAT das Taipas, e cujas paredes estão salpicadas de trabalhos de expressão artística que os doentes ali desenvolvem.

António está há oito dias internado a cumprir um programa de desintoxicação de álcool – uma com-

petência absorvida pelo IDT desde o ano passado – e já tem pequenos objectos para mostrar. Quando nos aproximamos está entretido com fios coloridos de tecido, que vai entrelaçando até que tomem a forma de um porta-chaves. Ao quarto vai buscar uma colecção de pequenas peças de gesso, esmeradamente embulhadas no que originalmente tinham sido os plásticos dos sacos de pão, que aprendeu a fazer com a ajuda de uma terapeuta.

Sobre as histórias da vida que o levaram ali, diz apenas o indispensável. Tem 45 anos, começou a beber "por vários tropeções" que prefere não especificar – "não gosto de atribuir culpas a ninguém". Sente-se "ótimo, cada vez melhor" e conta regressar

em breve ao volante do seu camião.

As outras alas estão despovoadas porque era dia de piquenique em Sintra. Caso contrário, haveria utentes nos ateliers de artesanato, artes plásticas, informática e treino de aptidões sociais. O objectivo destes espaços é promover a ressocialização e capacitação das pessoas, de modo a promover a sua reintegração social. "Depois de deixarem de consumir é um vazio total", é preciso despertá-los para o prazer de viver, descreve o dr. Miguel, à medida que nos vai abrindo as portas das salas, uma atrás da outra, como um guia empenhado.

Mais à frente, na fisioterapia e na contígua sala da ginástica, a preocupação é aliviar a dor dos corpos maltratados, mas também restituir a

consciência das suas funções e alguma auto-estima. "Nas pessoas com heroína vai-se tudo. Os afectos, o corpo... nem se conseguem espreguiçar. O corpo está anestesiado". Ali há placas quentes de argila envolvida em algodão para aliviar as câibras. E – a preferida dos doentes – uma máquina de ultra-sons para disfarçar os coágulos da ferida provocada pela perfuração das agulhas. "Magrito e encolhido" é o auto-retrato que Joaquim Gonçalves faz de si no passado. Hoje, com 40 anos, o estado civil de solteiro e um emprego estável num supermercado, fala com uma ponta de brio da sua figura. "Já recuperei muito peso. Agora só não engordo mais porque ainda fumo tabaco, que me faz mal".

É preciso aceitar as pessoas como elas são. Isto não é um trabalho moral.

MIGUEL VASCONCELOS
 Psiquiatra, responsável pelo programa de tratamento nas Taipas, onde está desde a fundação.

2 O internamento é extraordinário e curto: de oito dias para desintoxicação de drogas e de dez para o álcool. As terapeutas tentam estimular os doentes durante o dia, com actividades. Por vezes, o sono fala mais alto.

3 A reinserção e a capacitação dos doentes é uma das vertentes desenvolvidas nas Taipas, onde há ateliers de artesanato, artes plásticas, informática e ginástica.

4 Miguel Vasconcelos, ou dr. Miguel, como é tratado nos corredores, está nas Taipas desde a sua fundação, em 1987, por Leonor Beza. Só este ano já recebeu a visita de oito jornalistas, à razão de um por mês.

5 A administração da metadona está automatizada. A dose é comunicada pelo computador ao dispenseiro (aparelho à esquerda). Os doentes bebem-na ao balcão.

6 A metadona é uma das possíveis vertentes do tratamento. Tomam-na 520 dos 2.247 doentes em consulta nas Taipas. Cerca de 70% tem autonomia para a levar para casa, em doses para a semana, se continuar "limpo" de drogas.

7 "Vários tropeções na vida" levaram António a refugiar-se no álcool. Aos 45 anos, está internado em desintoxicação. Espera voltar em breve ao volante do seu camião.